

DIÁLOGOS

AFETOS COMPARTILHADOS

Soraia Maria Silva (Org)

Diálogos: afetos compartilhados

1ª Edição

Brasília
UnB/PPG-CEN
2019

ADRIANA FURTADO

MARI LOTTI

LUCIANA HARTMANN

SORAIA MARIA SILVA

DIÁLOGOS

AFETOS COMPARTILHADOS

ELISE HIRAKO

CLARISSA PORTUGAL

MÔNICA GASPAR

SUSELAINE MARTINELLI

D536

Diálogos: afetos compartilhados / Soraia Maria Silva,
[organização]. - Brasília : UnB/PPG-CEN, 2019.
123 p. ; 21 cm.

Modo de acesso: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34786>

ISBN 978-85-94107-07-7.

Inclui Bibliografia.

1. Artes cênicas. 2. Corpo como suporte da arte.
3. Performance (Arte) – Brasil. I. Silva, Soraia Maria (org.).

CDU 792(81)



Todos os direitos reservados

Editorial

Design gráfico Elise Hirako
diagramação
capa

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
<i>Soraia Maria Silva</i>	
Quem sou Eu?.....	11
<i>Adriana Furtado</i>	
A sublimação do corpo fraturado através da criação artística.....	21
<i>Clarissa Portugal</i>	
A investigação sombria de uma performer intercultural.....	37
<i>Elise Hirako</i>	
Híbrida.....	52
<i>Mari Lotti</i>	
A vida é um laboratório de criação	73
<i>Mônica Gaspar</i>	
Mulher esqueleto: dor e sublimação no processo criativo, um diálogo afetivo	86
<i>Soraia Maria Silva e Luciana Hartmann</i>	
A criatividade na formação do artista das artes cênicas....	109
<i>Susi Martinelli</i>	

A vida é um laboratório de criação *Mônica Gaspar*

O laboratório é, certamente, o lugar para tentar, para criar, para recriar, para inventar, para deixar que as criações venham à tona ou fiquem à deriva, em que pese, após inventadas, ainda que descartadas, elas já deixaram um rastro em nós, em nosso corpo que foi perpassado por elas.

*Em nosso laboratório de criação¹ pudemos usufruir e fruir, amorosa e lúdicamente, do contato com ícones da dança e *obsentir*² como nossos corpos reagem àquelas provocações de outros corpos bailantes que nos eram apresentados por meio de vídeos resgatados de um tempo antes.*

*Percebo agora que, para que essa interação acontecesse, tivemos que refazer o pacto eterno e etéreo que rege a arte, ou seja, olhar com olhos de *prima* presença para acontecimentos já vividos, já sentidos e instalá-los em nós como se os movimentos acontecessem no agora e se eternizassem no porvir.*

¹*Disciplina do mestrado em artes cênicas Unb, ministrada por Soraia Maria Silva, 1-2019*

²*Palavra valise contendo observar + sentir*

Ao iniciarmos o semestre, a turma contava com um rapaz, Anselmo, professor, dançarino, performer. Seu gesto, sua voz e sua presença emanavam cores e cheiros do masculino, imiscuíam-se em nossas presenças femininas e assim formávamos um grupo mais diversificado. Anselmo tomou outros rumos e somos agora seis mulheres permeando a dança e a vida. *Obsentindo* nossos corpos em movimento, pergunto: A cada bailante estamos criando? Existe criação nesse bailado que revive os passos da Isadora Duncan? O que eu chamo de criação poderia se chamar co-criação já que a cada passo revivemos alguns dos passos dela ou estamos, diafanamente, dançando com Isadora em nosso bailar?

Intuo que há que se *obsentir* o afeto nesse território incerto de uma dança que se pretende, com Mary Wigman,⁴ “selvagem, livre de qualquer convenção que não favorecesse a expressão individual”,⁵ uma dança que parece dançar sem dançar e ainda assim dança.

³ Isadora Duncan (1877-1927), Coreógrafa e bailarina norte americana, considerada a precursora da dança moderna.

⁴ Mary Wigman (1886 - 1973), Coreógrafa alemã, uma das fundadoras da dança

⁵ SILVA Soraia Maria, *O expressionismo e a dança*, 2012, p. 292

A cada rodopio somos musas, somos gueixas, somos leves, somos gesto e suavidade, força e gravidade, giro, queda e pausa.

A professora, pesquisadora e bailarina Soraia Silva afirma que “para Isadora, a pausa absoluta ocorria por meio da união entre o 'ser interior' e o 'meio físico', produzindo uma comunicação final entre essas duas esferas”⁶.

Pensando na esfera, no girar e no pausar, observando a dançarina Elise Hirako (foto abaixo) e seu guarda-chuva asiático, em sala de aula, compus algo, que ora ousou escrever:

Mesmo que inteiro, mesmo que coeso, mesmo que tenha tido um início, uma origem, na esfera, eles se fundem com o fim.

Ao corpo, nesse equilíbrio entre o coeso e o etéreo, cabe lidar com o acaso, com o fragmento, como se quisesse encontrar buracos negros em seus portais.

⁶ *Idem*, p. 289



Há que se dar conta dessa urgência, dessa emergência, que denuncia os estados fronteirizos do convívio entre gestos precisos de levantar e abaixar-se, rodopiar e fixar-se, observar e ser observado, no embate silencioso e solitário do dançar.

Há que se repensar a hierarquia entre dançarino e dispositivo cênico, uma vez que não há como separar o que gira do próprio giro.

Foto: Mônica Gaspar
bailarina: Elise Hirako - UnB

Projeto Pés, experiências, pertencimento, crenças, dispositivos e horizontes alargados.

A minha pesquisa de mestrado, ainda em andamento nesses meados de 2019, obsentevive⁷ a construção do novo espetáculo do Projeto Pés.⁸

Criado há oito anos por Rafael Tursi,⁹ o projeto Pés é um coletivo. Coletivo no sentido que Líliana da Escóssia e Virgínia Kastrup encontraram para definir tal conceito: “uma dimensão da realidade que se opõe a uma dimensão individual., entendido desta maneira, o coletivo se confunde com o social, no que diz respeito à dinâmica de interações individuais ou grupais.”¹⁰

Escolhi o Pés para pesquisar por ser um grupo de teatro/dança misto (composto por pessoas com ou sem deficiência), aliado ao fato de que, em minha vida profissional, optei por trabalhar dirigindo ou atuando em grupos nos quais o teatro se coloca

⁷ Palavra valise: Observa+sente+vive_

⁸ Desde 2011, o Projeto PÉS pesquisa a criação, provocação e execução do movimento expressivo para e por pessoas com e sem deficiência, através de técnicas do teatro-dança. (www.projetopes.com/quem-somos) acessado em 21.05.2019

⁹ Ator, diretor e Arte-educador. Prof. da Faculdade de Artes Dulcinea de Moraes, Mestre em arte contemporânea pela Unb, bacharel e licenciado pela mesma universidade.

¹⁰ Líliana da Escóssia* Virgínia Kastrup, O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduos sociedade, pg. 295.

como arte ampla e integradora para todas as pessoas.

Tenho frequentado regularmente o Pés desde fevereiro de 2018, (dois ensaios por semana, por duas horas). Durante esse tempo, pude perceber que ser do Pés, agir em prol do Pés, visitar o Pés, viajar com o Pés, estar no Pés praticamente desde o seu início (tal como uns 20% do elenco atual), provoca nos participantes ou nos parceiros, um grande orgulho, uma sensação de pertencimento que fortalece o coletivo.

A palavra pertencimento, segundo o Dicionário de Recursos Humanos,¹¹ seria a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos que pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual expressam valores, medos, aspirações.

Em seu artigo: Como dança quem não dança no qual explica o Projeto Pés, Rafael Tursi, pergunta: “Que pessoas? Que deficiências? Qualquer pessoa e qualquer deficiência.” (TURSI, 2012). Atualmente o coletivo conta com 20 pessoas sendo que a metade delas apresenta alguma deficiência física, mental ou sensorial.

¹¹ <http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tiki-index.php?page=Pertencimento> (acessado em 18.05.2019)

Grupos mistos como o Pés ou o Diversos dias,¹² que eu dirijo, travam uma batalha corajosa contra a invisibilidade social das pessoas com deficiência no Brasil. Segundo dados divulgados pelo IBGE,¹³ 45 milhões de pessoas apresentam algum tipo de diagnóstico e, mesmo assim, ainda encontram dificuldades em se apropriar dos espaços públicos e comunitários.

A professora Doutora da Universidade de Brasília, Elizabeth Tunes, salienta que “a noção de deficiência é um dos modos concretos de manifestação do preconceito, uma forma como este se realiza na vida concreta” (TUNES, 2008, 51),¹⁴ pois a pessoa passa a ser identificada pela sua deficiência e não pelas suas potencialidades.

¹² Grupo teatral misto criado em 2013 com o espetáculo homônimo, apresentado no CCB-DF e em várias salas do DF entre 2013 e 2014. O espetáculo contou, em seu elenco, com 18 pessoas, sendo 12 com diagnóstico de deficiência. Diversos dias tornou-se um livro contando a trajetória do grupo. A partir de 2015, iniciamos o processo de montagem de outra peça chamada *O improvável amor de Luí Malagueta e MC Limonada*, agora com dois atores, um menino com Síndrome de Down e uma menina com gagueira, e estamos desde 2016 apresentando tal espetáculo em teatros, escolas e espaços de rua do DF.

¹³ <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/19622-pessoas-com-deficiencia.html>, acessado em 23.05.2019

¹⁴ BARTHOLO, Roberto e TUNES, Elizabeth, *Nos limites da ação - Preconceito, inclusão e deficiência*, EDUFSCAR, 2008,

Em que pese, o Brasil seja considerado um dos países mais avançados no que diz respeito à legislação para as pessoas com algum tipo de deficiência – física, auditiva, visual ou intelectual, “ao todo, são 40 leis, três normas constitucionais, uma lei complementar e 29 decretos, além de quatro portarias que regulamentam as regras e procedimentos”¹⁵ tão farta legislação não impediu que, em outubro de 2018, um ator, cadeirante, do Pés faltasse ao ensaio porque nenhum dos três ônibus que, naquele dia e horário, faziam a rota rodoviária central de Brasília/Unb (local onde acontecem os encontros) contavam com rampa de acesso para que ele conseguisse subir e, assim, chegar ao seu destino.

Assim como o rapaz do acontecimento acima, muitos dos integrantes do Pés não vivenciavam qualquer experiência cênica anterior ao grupo e passaram a explorar suas potencialidades artísticas por meio dos ensaios, o que pode caracterizar o Pés como um laboratório de criação.

Durante os ensaios e apresentações, aqueles vários corpos, suas cadeiras de rodas, seus

¹⁵ <http://www4.planalto.gov.br/ipcd/assuntos/legislacao> , acessado em 21.05.2019

membros menos movimentáveis, suas falas ritmadas, formam um coletivo integrado, sensível e atento que expande os horizontes de suas possibilidades de expressão física e de realização artístico/estética.

Refletindo sobre a cadeira de rodas no Pés, ~~obvinto~~ que ela pode ser percebida como um dispositivo cênico uma vez que ela entra em cena, interceptando, modelando, controlando ou assegurando, gestos, comportamentos, opiniões e discursos dos seres integrantes ou assistintes do grupo.

Sob o comando do diretor ou nas horas que antecedem aos ensaios ou, ainda, em conversas informais, os andantes sentam-se nas cadeiras, sobem e descem delas, movimentando-as de forma não usual e os cadeirantes descem de seus dispositivos e vão ao chão plenos de confiança e, assim, horizontalizam uma relação de troca, toque, silêncios eloquentes e ampliados que desafiam o senso comum e expandem as possibilidades cênicas e vivenciais entre pessoas.

Quaisquer pessoas.

*Pensando em uma das cenas do espetáculo *Similitudo*, criado pelo Pés, no qual atuei, em*

¹⁶ André Lepeck, 9 variações sobre ^{2018,}coisas e performances, citando Giorgio Agambem, pg.04.

junto com a atriz Bárbara Lemos, na qual ambas começamos sentadas na cadeira de rodas, refleti:



Foto retirada de vídeo. Integrantes: Mônica Gaspar e Bárbara Lemos, nas cadeiras. Elenice Ramthum e Yuri Costa, em pé. Jul-2018

*Quem sou eu? Quem é ela? Como lidar com isso?
Como me apropriar desses gestos que me invadem em
silêncio?*

*Há como ser leve usando ou se deixando usar por um
dispositivo cheio de imagens, cheio de símbolos?*

*Há como flutuar com uma cadeira de rodas, há como
dançar com ela de modo que ela também flutue?*

*Há como pensar que aquele aterramento que ela
proporciona seja também asas?*

*Há como deslocar a cadeira dessa utilidade e observá-
la como objeto estético?*

Há como corpos visceralmente diferentes dançarem em um coro engajado em suas diferenças?

Um corpo inacabado oferece um gesto inacabado?

Qual é a qualidade do silêncio que o ranger das rodas da cadeira oferece diante da respiração ofegante?

O olhar que acompanha o rastro da cadeira co-cria aquele movimento ou o insere em um rastro de pegadas?

Os rodopios delirantes daquele que voa na cadeira desestabilizam a gravidade afônica e não opcional na qual eu me insiro?

Há possibilidade de entrelaçamento apesar ou por isso mesmo há como re-parar tal impossibilidade?

Há como ser recíproco mesmo que fragmentário?

Onde você coloca o seu afeto?

Como você transporta o seu afeto?

O seu afeto habita a sua urgência, a sua emergência ou a sua indiferença?

Afinal, qual é o verbo que te move?

Em um depoimento emocionado e emocionante a mãe de Bárbara Lemos, a artista plástica Fernanda Curado, observou a trajetória da filha assim:

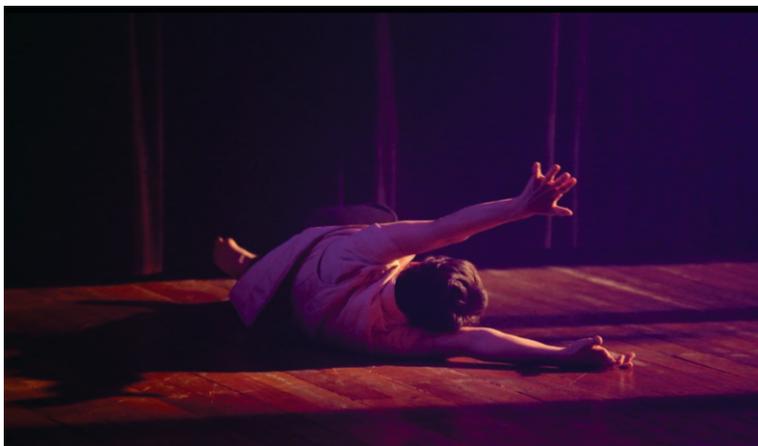


Foto de Gi Salés -Teatro SESC Garagem - Espetáculo Similitudo - Projeto Pés - Bárbara Lemos - 07- 2018

“Durante muito tempo, Bárbara Lemos guardou dentro de si um mundo que era só dela. Não podia falar, dançar, desenhar ou escrever para dividir com as outras pessoas o modo muito particular de enxergar e sentir a vida. Bárbara tem 40 anos. Desde o nascimento é portadora de múltiplas necessidades especiais, decorrentes de uma paralisia cerebral. Enfrenta um desafio diário: transformar o que os outros consideram impossível em possibilidades inesgotáveis.”

17

¹⁷ *Bárbara integra o Projeto Pés desde 2018, esteve no elenco do espetáculo Similitudo e está ensaiando para compor o elenco do novo espetáculo.*

Um teatro que pretende romper fronteiras, alargar horizontes individuais, grupais, sociais e artísticos é o que me move. Obsequentur, atuar, dançar, vivenciar, sentar-me nas cadeiras de rodas, aprender a montá-las e desmontá-las e até machucar-me com as suas estruturas duras, possibilitam-me, sem medo, mas com cuidado¹⁸, expandir o meu olhar ético e político, como cidadã, como atriz e como diretora teatral.

Referências bibliográficas

BARTHOLO, Roberto e TUNES, Elizabeth, Nos limites da ação - Preconceito, inclusão e deficiência, EDUFSCAR, 2008.

ESCOSSIA, Líliana da e KASTRUP, Virginia, O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduos sociedade, Psicologia em Estudo - Maringá, v. 10, n. 2, p. 295-304, mai./ago. 2005.

LEPECKI André, 9 variações sobre coisas e performances, Revista Urdimento, vl.2, n. 19, 2012.

SILVA, Soraia, Maria, O expressionismo e a dança, org. Jacó Guinsburg, São Paulo, Perspectiva, 2002.

<http://escola.mpu.mp.br/dicionario/tikiindex.php?page=Pertencimento>

<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/19622-pessoas-com-deficiencia.htm>

www.projetopes.com/quem-somos

<http://www4.planalto.gov.br/ipcd/assuntos/legislacao>

¹⁸ *Lema do Rafael Tursi durante os ensaios: não tenha medo, tenha cuidado.*

Esse livro foi composto em CorelDRAWW 2019 e impresso no sistema *offset*, sobre o papel *offset* 75g/m², com capa em papel cartão supremo 250 g/m².



Universidade de Brasília



DIÁLOGOS

AFETOS COMPARTILHADOS

Esse livro é resultado de reflexões teórico/práticas realizadas durante a disciplina Laboratório de Criação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/CEN/UnB, no primeiro semestre de 2019.

Ele tem um caráter experimental, pois juntamente lida com recortes dos processos de pesquisa de cada um dos envolvidos com a disciplina. Nesse sentido, toda a responsabilidade sobre a elaboração do texto, formatação e uso de imagens está sob a responsabilidade dos mesmos. O livro apresenta um exercício (com todos os acertos e erros) técnico, estético e ético para aqueles que se aventuram na arte da criação cênica. *Soraia Maria Silva*

ISBN 978-85-94107-07-7



9 788594 107077